

A INTERRELAÇÃO DE ÉTICA E POLÍTICA NA FILOSOFIA PRÁTICA DE ARISTÓTELES

Carlos André do Rosário Pereira

E-mail: candreofmcap@gmail.com

Religioso da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Graduando do Curso de Bacharelado em Filosofia da Faculdade Católica do Cariri.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo relacionar ética e política no pensamento aristotélico e sua importância na história como um dos organizadores da vida política mundial tendo em vista que o modelo por ele proposto serviu de exemplo para muitos pensadores na idade média e moderna. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica em textos sobre o assunto e exposição em forma de artigo como resultado da pesquisa. O livro Convite a Filosofia de Marilena Chauí, ajudou na fundamentação da invenção da política pelos gregos e romanos. Ética e sociabilidade, de Manfredo de Oliveira, contribuiu na reflexão ético-política, bem como a questão econômica que envolveu o dia-dia dos antigos gregos. Saber cuidar, de Leonardo Boff, mostrou a necessidade do cuidado para uma ação política mais engajada para o desenvolvimento comunitário global. Ética a Nicômaco e A Política, de Aristóteles, como os baluartes que norteiam para uma reflexão da filosofia prática do estagirita, revelando a relação que existe entre o agir ético e a ação política na sociedade. Como resultado geral, o presente artigo ampliou o horizonte da prática política na história, donde se conclui que a ética e a política devem andar juntas para um melhor desenvolvimento da sociedade.

Palavras-chave: Aristóteles. Ética. Política.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, o termo política e político estão relacionados ao que exerce um cargo eletivo quer seja no âmbito municipal, estadual ou federal, muitas vezes esquece-se que seu real sentido está ligado ao cuidado do bem comum e essa é uma tarefa de todo cidadão, não apenas de uns poucos, que exercem certo poder. Assim todos os homens são políticos e suas ações, boas ou más, manifestam a política.

Segundo Marilena Chauí¹ os gregos e os romanos antigos inventaram a política e para ela, não quer dizer que outras civilizações não tivessem uma forma de poder, mas estes dois povos incrementaram o uso do poder, separando-o do divino, mitológico e desenvolvendo a participação dos cidadãos nas decisões da pólis, para eles todos os cidadãos, os homens livres, tinham direitos e deveres iguais e por isso opinavam no governo cidadão.

Sócrates aponta a virtude e a ordem como geradores de felicidade e comparando com o corpo humano, se este está em desordem ele fica doente, se a alma assim está ela é infeliz, a felicidade ou seu oposto dependem de uma ordem, de uma harmonia que pode ser estabelecida na *pólis*. Platão tomará a dualidade corpo e alma indicando a arte política como a cura da alma, sendo detentores desta arte os próprios filósofos, e por isso são os melhores governadores da *pólis*, pois têm virtude adquirida com os estudos no passar dos anos e receberam formação apropriada para o bom governo. Por fim, Aristóteles, discípulo de Platão, tem visão diferente de seu mestre embora acredite que o governante tenha que ser preparado para alcançar a virtude necessária para administrar e esta passa pela educação.

O Principal objetivo deste trabalho é perceber e refletir a relação existente entre ética e política no pensamento de Aristóteles e sua prática na história, aproveitando da pesquisa bibliográfica de diversos autores, inclusive o estagirita, como um dos personagens principais da ação reflexiva na *pólis* grega que se voltava para a coletividade e o bem comum, numa verdadeira vivência política.

¹ CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000. p.440.

A ÉTICA COMO AÇÃO POLÍTICA

O homem tende a socializar-se, a relacionar-se com seus semelhantes e buscar no contato com o outro, meios de tornar-se mais feliz, nesta busca está o seu agir político, sentindo em sua necessidade de relacionar-se, a importância de regras para melhor conviver, tornando-se diferente de outros animais. É tão somente na vida social que o homem desenvolve a politicidade que pressupõe ética e moral. Sem dúvida Aristóteles foi um dos filósofos que mais influenciaram a humanidade, sobretudo no tocante a política e a ética. “A ação boa e justa não é para Aristóteles, a ação moral do indivíduo isolado da modernidade, mas a ação humana, e enquanto tal situada num feixe de relações”² esta ação boa e justa que se chama moral ou ética na modernidade, para o estagirita só tem sentido se for realizada em vista do bem comum e dentro de um espaço denominado *pólis*. É na cidade que o homem se humaniza e é livre.

A vida boa parte do indivíduo, mas deve contagiar toda a cidade, a “tarefa fundamental da *pólis* é tornar possível a vida, eticamente configurada dos cidadãos, enquanto a vida de homens livres, portanto, atingir a comunidade numa ‘vida boa’”³, a prática filosófica não pode se realizar sem a reflexão e esta não se aniquila, mas dá embasamento para o agir transformador do homem. Pela razão o homem conhece o sentido do bem e do mal, do justo e do injusto, pressuposto para viver num estado de vida onde este ser animal com especialização de desenvolvimento para o bem comum é o próprio homem.

Para Aristóteles o desejo de conhecer é uma tendência natural. De fato o homem não nasce conhecendo, mas com disposição para o saber, este animal político pratica a vida política quando em comunidade e assim o é por sua capacidade de interação, cuidado e, sobretudo de reflexão, que o leva a agir com liberdade e dentro de normas éticas e morais.

² OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e sociabilidade*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993, p. 57. (Coleção Filosofia, 25).

³ Idem. *Ibidem*. p. 61.

A *pólis* é o lugar onde o homem se torna homem “a tarefa da *pólis* é justamente fazer com que os homens em todas as suas instituições, cheguem a realização de si mesmos”⁴, pois fora dela ele perde sua essência e sua natureza, não dá para ter humanidade fora da cidade e de suas instituições, tal situação é impensável. Como o homem busca o bem, é a cidade quem vai completá-lo, torná-lo feliz, pois nela poderá participar e tomar decisões que acarretam o bem para todos os concidadãos, e como a coletividade é a principal preocupação, não se pode esquecer o cuidado da casa, a economia.

A ECONOMIA NA POLÍTICA GREGA

A economia para os gregos tem uma conotação com a administração da casa, o cuidado que se tem com aquilo que pertence a todos da casa.

*Para os gregos, a economia não constitui um campo isolado, que pudesse ser objeto de pesquisa de uma ciência específica, de tal modo que a economia é considerada à medida que integra a comunidade da casa e da pólis e, por essa razão, sua consideração é de ordem ético-política*⁵.

A economia está muito ligada à política de forma que muitas vezes uma se confunde com a outra. Os gregos relacionam principalmente a casa à *pólis*, pois aponta ao cuidado das coisas, objetos e pessoas, assim economia e política se misturam sem poder se separar e se acontece tal desmembramento ocorre o que Aristóteles chamou de crematística, que é a situação desarmônica da sociedade, da casa, pela corrupção e desordens do governo, principalmente no âmbito econômico.

A casa tem sua importância devida ao treino das virtudes “[...] a função da casa é muito mais importante, pois é o lugar onde o homem é treinado nas virtudes, vale dizer, ela é a primeira instituição de socialização”⁶, na Grécia antiga, o homem tem uma experiência administrativa, tendo consigo mulheres, crianças e escravos que são incompletos e incapazes de governar, não tendo, para os gregos, autonomia para gerir o lar, cabendo às mulheres o serviço doméstico e às crianças, por estar em desenvolvimento, serem educadas para

⁴ Idem. Ibidem. p. 70.

⁵ Idem. Ibidem. p. 71.

⁶ Idem. Ibidem. p. 73.

a vivência das leis políticas e domésticas sendo submissas ao pai como súditas, crescendo na virtuosidade.

As virtudes a serem aprendidas dizem respeito ao relacionamento mútuo, a ordem social e a justiça na *pólis*. Os escravos por serem incapazes de tomar decisões devem sempre obedecer ao Senhor que lhes oferece oportunidade de acerto, através de suas ordens. As relações eram de senhor-escravo; Pai-filho e Esposo-mulher, ou seja, chefe-empregado. As virtudes são necessárias para a realização do bem cidadão.

O BEM NA VIDA POLÍTICA

O bem supremo é o maior de todos os bens existentes e todos os outros indicam para este absoluto. “O bem supremo é, para Aristóteles, ‘o bem em si mesmo’, o mais poderoso entre os bens, pertence à vida humana, pois a toda forma de práxis corresponde um bem, para o qual se orienta”⁷. O homem tem desejos e apetites que tenta realizar e através dos bens vai se completando e exprime sua realização através da felicidade e esta transparece aos demais. Assim o homem só é feliz em sociedade, vivendo no único lugar que o torna mais homem, a *pólis*.

Ser cidadão ou ter a cidadania implica na participação política, não é apenas morar na cidade, mas, agir pelo bem comum usando dos direitos que lhe são confiados e cumprindo os deveres exigidos. O simples morar na cidade não confere cidadania, pois o cidadão age assegurado pela liberdade desde que não fira os direitos de outro.

Aristóteles afirma também que a realização da felicidade não está em poder do homem, pois, em última análise, a felicidade humana é dom da divindade [...] A felicidade que está sob o poder do homem é a felicidade da *pólis*: a cidade é, para o homem, a felicidade, porque só ela dá realidade à sua natureza racional⁸.

Pela razão o homem tem a felicidade, e como ele só é homem na cidade, então a *pólis* é o único lugar onde consegue ser feliz e proporcionar felicidade. Pela razão o homem atualiza-se, conhece, sabe de suas

⁷ Idem. Ibidem. p. 77.

⁸ Idem. Ibidem. p.83.

necessidades e pode superá-las para viver melhor, assim a humanidade consegue a sua realização através da vida em sociedade através de participação ativa. Se a razão é dom divino, a felicidade também o é como consequência, e a cidade proporciona a racionalidade do homem e sua felicidade.

A FELICIDADE COMO FINALIDADE ÉTICO POLÍTICA

O nosso planeta tende a extinção por conta do mau uso da criação por aquele que deveria cuidar e administrar do planeta, nossa casa comum. Segundo Leonardo Boff: “Cuidar das coisas implica ter intimidade, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, dar-lhes sossego, repouso. Cuidar é entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele”⁹. Este cuidado depende da humanidade, que usa da razão para realizar seus atos, pois se trata da subsistência da vida, o planeta precisa de cuidados, de políticas que visem a continuidade das espécies para todos os seus habitantes.

Para Aristóteles e seus discípulos do Liceu, a finalidade do homem é o bem que é praticado na *pólis*, “[...] se houver algo que seja a finalidade de todas as coisas executadas graças a ação humana, este será o bem praticável – ou se houver várias finalidades tais, a soma destas será o bem”¹⁰. Ora, se o homem só é pleno na *pólis* é porque na cidade ele interage com seus semelhantes, torna-se feliz, ocupa o lugar que lhe é próprio; fora da cidade o homem é animalizado.

O bem é determinado por dois fatores, o primeiro é a natureza humana, dinamizada pela alma, e o segundo são as circunstâncias ou ocasiões. Para Aristóteles, o Bem é a finalidade mais completa de todas as finalidades do homem e esta leva à felicidade. O homem organiza as possibilidades de sua própria natureza e a partir das circunstâncias que o rodeiam, realiza suas ações, na busca do bem almejado, levar uma boa vida, ou seja, a felicidade.

[...] a função de um ser humano bom é executar essas atividades bem e corretamente, e se uma função é bem executada quando é executada de acordo com sua própria excelência – a partir dessas premissas se conclui que o bem humano é o exercício ativo das faculdades da alma humana em conformidade com a virtude, ou se houver diversas virtudes, em conformidade com a melhor e mais perfeita delas. Ademais, essa atividade deve ocupar uma existência completa, pois uma andorinha não faz verão, nem produz um belo dia; e analogicamente, um dia ou um efêmero período de felicidade não torna alguém excelsamente abençoado e feliz¹¹.

⁹ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

¹⁰ Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. 2. ed. Bauru: EDIPRO, 2007.

¹¹ Idem. *ibidem*. Livro I, 7. 1098a15.

Percebe-se neste pensamento aristotélico que a felicidade do homem é a coletividade e não o isolamento. O homem só consegue o ideal coletivo dentro da cidade e é nela que ele é livre, que ele se constrói e é construído como um ser para o outro a cidade o leva a praticar o bem, tendo em vista a ordem.

A felicidade para Aristóteles é, portanto a vivência plena do Bem que alguns pensam ser a virtude, tornando o homem num virtuoso; outros pensam como prudência, para outros a felicidade está na sabedoria; outros ainda no prazer, e mais alguns na prosperidade. O filósofo estagirita percebe com estes grupos que a felicidade é caminho do bem e que pode ser vivido de diversas formas e virtudes, sendo que o prazer não está numa relação sexual, mas no gostar do que está fazendo em prol da *pólis* grega. As virtudes devem se tornar hábitos da vida, porém eles podem ser bons (virtudes), onde o homem age com prazer, ou maus (vícios) onde o homem acaba por atrair o desprazer, pois age contra sua própria natureza, que busca o bem.

Aristóteles não descarta que a felicidade seja uma espécie de presente ou consolo divino por conta da ordenação das coisas do mundo, ou seja, organizadas da melhor forma possível, portanto o homem virtuoso pela prática da virtude recebe a felicidade como prêmio, sendo ela uma “atividade da alma”¹², para o homem conquistá-la, educa-se na prática da ciência política que o torna mais virtuoso e capaz de realizar atitudes dignas de mérito e honra e prova disso é que os animais não demonstram atitudes de felicidade, pois não praticam gestos nobres, inclusive as crianças, por não serem capazes de discernir corretamente o certo do errado. Para ser realmente feliz, requer-se do homem uma vida completa e virtuosa, ou seja, maturidade e experiência no agir para o bem, conquistadas pela educação.

A EDUCAÇÃO NA VIDA POLÍTICA

Para o estagirita, somente uma pessoa educada pelo saber filosófico pode realizar e elaborar leis satisfatórias a todos, pois eles conseguem “manuseá-las criticamente e julgando que medidas valiosas ou ao contrário, e

¹² Aristóteles. Op.cit. Livro I, 9. 1099b25.

que tipo de instituições se ajustam a que tipo de características nacionais”¹³ assim o filósofo vê o que é melhor para um país e pode conseguir a felicidade coletiva, o bem comum, através do puro e simples ato de filosofar.

A filosofia pensa no bem, que faz a justiça acontecer com igualdade para todos e nesta igualdade o homem se sente valorizado e mais completo, podendo desempenhar melhores ações que enalteçam a si e sua *pólis* como um todo, tendo em vista que ele é, na visão grega, um ser na *pólis*, e se pela filosofia o homem chega à felicidade, a justiça refletida filosoficamente, empregada e praticada na cidade, leva sua população a uma vida boa e feliz.

O governo deverá dar uma especial atenção à educação, pois ela formará novos cidadãos, prontos para o exercício do bem da *pólis* “Ninguém contestará, pois, que a educação dos jovens deve ser um dos principais objetos de cuidado por parte do legislador, porque todos os Estados que a desprezaram prejudicaram-se grandemente por isso”¹⁴. Aristóteles sabe que a educação é responsável por uma população virtuosa, sábia e feliz, que busca o bem comum. Ele inclusive orienta que o casamento¹⁵ deve ser aos 18 anos para mulheres e 37 anos ou um pouco menos para os homens, para que se tenham uniões no maior vigor das idades e contribuirão para a formação e educação familiar. Por isso, os governos tem função decisiva e de grande relevância para a felicidade e o bem de toda a *pólis*, pois um governo que não pensa a educação dos cidadãos terá grandes problemas.

OS TIPOS DE GOVERNO

Não se pode esquecer que a política se faz de governantes e governados, para Aristóteles o melhor modelo de governo dependerá do Estado e de suas constituições distinguindo assim “três constituições puras: a realza, a aristocracia e a republica, e três que são um desvio dessas: a tirania para a realza, a oligarquia em relação à aristocracia e a democracia quanto à

¹³ Aristóteles. Op. Cit. Livro X, 9. 1181b5.

¹⁴ Aristóteles. *A política*. Bauru: EDIPRO, 1995. 312pp. Livro V, Cap. I. § 1.p. 172.

¹⁵ Idem. *A política*. Livro IV, Cap. XIV § 6.p. 162.

republica”¹⁶. Sendo as primeiras mais divinas e de melhor formação do Estado, enquanto as demais são geradas pela corrupção dos modelos puros.

A realza é a monarquia, onde apenas um se estabelece no poder, a aristocracia é estabelecida quando um pequeno grupo se coloca a serviço da *pólis* na orientação do próprio Estado e a republica acontece quando os cidadãos livres conseguem administrar a *pólis* sem que seja necessário um governante, a assembleia dos homens livres decide e coloca em vigor o decidido, é uma “mistura”¹⁷ de oligarquia e democracia.

Na tirania, o monarca, pensa apenas em si mesmo, desvirtua o objetivo da *pólis* e usa da força militar para manter-se no poder, a oligarquia, se estabelece quando o pequeno grupo que está no poder só deseja o seu próprio bem e a democracia se caracteriza pelos mandos e desmando do povo em conjunto com os cidadãos livres, neste tipo de governo estabelece-se a baderna e a insegurança da *pólis*.

CONCLUSÃO

Pode-se perceber que Aristóteles não separa a ética da política e por isso ele a chamou de filosofia prática, seus ideais políticos são realmente válidos para todos os que querem aprofundar-se na temática, sem ética a política está perdida e não conseguirá um norte claro.

A política não é uma forma de ganhar dinheiro, mas um agir alicerçado na justiça, em busca de um bem comum que se conquista na participação e engajamento de cada cidadão na vida do Estado, lembrando, especificamente como os gregos que este filosofar está influenciando a vida de cada pessoa da cidade, estado e nação. Todas as formas de governo podem ser realmente boas ou más, porém, o povo deve estar apto a reconhecer um governo autoritário e evita-lo a todo o custo.

Para perceber o que lhe acontece e que ações poderão realizar, o povo deverá receber educação e reclamar um ensino qualitativo que forme a pessoa em sua integralidade, formando inclusive para a participação e tomada de iniciativas que visem o melhor para todos.

¹⁶ Idem. *A política*. Livro VI, Cap. II § 1. p. 193.

¹⁷ Idem. *A política*. Livro VI, Cap. V. pp. 207 - 211.

Conclui-se que ética e política no pensamento aristotélico são uma dupla inseparável e que ajudam na dinâmica da vida comunitária na *pólis* grega, que busca o bem comum acima de tudo, como se houvesse uma só família e que a cidade se tornava a própria casa desta população cidadina que devia ser cuidada e zelada por todos, e este pensamento deveria perpassar por toda a sociedade, quer sejam homens livres, militares, artesãos, trabalhadores braçais ou mesmo escravos.

ABSTRACT

This article aims to relate ethics and politics in the Aristotelian's thought and its importance in history as one of the organizers of world political life, in order that the model proposed by him was an example for many thinkers in the Middle and Modern Ages. The methodology used was literature in texts about the topic and exposure in form of article as a result of the research. The book Invitation to Philosophy of Marilena Chauí, helped in the invention of reasons political by the Greeks and Romans. Ethics and sociability, of Manfredo de Oliveira, contributed to the ethical-political reflection, as well as economic issue that envolved the daily lives of ancient Greeks. Knowledge Care, Leonardo Boff, showed the necessity of care for an political action with more engagement for the global development community. Nicomachean Ethics and The Politics of Aristotle, as the defenses that lead to a discussion of practical philosophy of Aristotle, revealing the relationship between ethical action and political action in society. As a general result, this article has expanded the horizon of politics practical in our history, from which it follows that ethics and politics must go together for a better development of society.

Key words: Aristotle. Ethics. Politics.

REFERÊNCIAS

Aristóteles. *A política*. Bauru: EDIPRO, 1995.

_____. *Ética a nicômaco*. 2. ed. Bauru: EDIPRO, 2007.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e sociabilidade*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção Filosofia, 25).